



ILUSTRACÃO
DOR TUGUESA

1921

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO. 50 cts.

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:
Trimestre 6\$50. — Semestre 13\$00. — Ano 26\$00.
COLONIAS PORTUGUEZAS: Semestre 15\$00 — Ano 30\$00
ESTRANGEIRO: Semestre 19\$50. — Ano 39\$00.

Redação, administração e officinas: — Rua do Seculo, 43, LISBOA

Sapataria **JANUARIO**
elegância e luxo em todos os generos
pelos mais chics modelos
MEIAS FINAS

78, R. de S.^{ta} Justa, 80



ANEMIA
DEBILIDADE, NEURASTHENIA, TISICA
Todos os Medicos proclamam que
• VINHO • **DESCHIENS** (PARIS)
• XAROPE •
de Hemoglobina
CURAM SEMPRE

Crown Ribbon and Carbon Mfg. Co.

Máquinas de escrever,
accessorios e officinas de reparações

Preços resumidissimos

Vende **J. Anão & C.^a L.^{da}**
R. Nova do Almada, 6. 2.^o
Telefone 2536 LISBOA

Maquinas e Acessorios Para as **INDUSTRIAS** e **AGRICULTURA**

Pedir preços, orçamentos a

C. STFFANINA — 39, R. Corpo Santo, 41

PHONOLAS — PIANOS TRIPHONOLAS

(DA CELEBRE CASA LUDWIG HUPFELD, DE LEIPZIG)

Os auto-pianos da grande marca **PHONOLA**, conhecidos ha muitos anos no nosso paiz como os mais aperfeiçoados e duradouros, só são incorporados em pianos **ALEMÃES** de **PRIMEIRA CATEGORIA**.

A **TRIPHONOLA**, que pode ser acionada por pedaes ou eletricamente, representa a congregação de todos os aperfeiçoamentos conhecidos, e é um instrumento de

ABSOLUTA PERFEIÇÃO ARTISTICA

REPRESENTANTE GERAL EM PORTUGAL:

VALENTIM DE CARVALHO

Rua d'Assumpção, 39

LISBOA

TELEFONE CENTRAL 4282

ILUSTRACÃO PORTUGUEZA



A POETISA
FERNANDA DE CASTRO

(Cliché Foto-Brazil)

OUTRO EU

Vou falar-lhes de mim; perdõem, mas não tenho agora á mão nada que mais me interesse do que a minha própria pessoa... Vou falar-lhes de mim, não da minha alma, de que muito vos tenho dado, mas de meu pobre e miserando corpo, a que um alfaiate imaginoso encontrou fórmãs absolutamente inéditas...

Saí ha minutos da officina dêsse modesto artista—tão modesto que consente em tornar-me apresentável em publico pela ridicula quantia de 80 escudos, incluindo trabalhos de córte, moldagem e aviamentos, porquanto os três metros de cheviote sobre os quais exerceu a sua competencia foram pagos, á parte, por 135 escudos; foi a segunda e definitiva prova e dela se declarou o referido alfaiate satisfetissimo e se mostrou sorridente, como quem acabasse de modelar uma Venus de Milo, ao passo que eu me mostro levemente apreensivo, porque os dois espelhos entre os quais me coloquei, com seus jogos de raios reflectidos repetiram até o infinito uma figura bem diversa daquela em cuja posse eu supunha estar ha algumas dezenas de anos.

Começando pela situação da cintura, até então trçada um pouco abaixo do umbigo, vi claramente que tinha ascendido até ás covas dos braços e tão estreita se havia tornado que a conhecida e velha comparação com a da vespa se lhe podia aplicar; depois, para baixo e para cima, o casaco desenhava saliencias de que nunca dera fé, em especial sobre os mamilos, acusando um desenvolvimento glandular ou, pelo menos, adiposo, de manifesta inutilidade em criatura do meu sexo: e seus braços e ante-braços estendiam-se em funil de tão reduzido diametro junto aos pulsos, que as mãos só conseguiam libertar-se para a gesticulação e mais funções próprias, torcendo os dedos, unindo-os pelas pontas e forçando a passagem em teimoso movimento de parafuso na respectiva porca.

Que direi das calças? Que até ás rótulas, com pregas, preguinhas e preguetas, como filtro de papel passento com multiplicadas dobras, de saia mereciam o nome, sem que eu logre, por mais que me apalpe e seja qual fôr o logar que apalpe, justificar a necessidade de occultar perante os meus concidadãos as irregularidades angulares com que a natureza me dotou; das rótulas para baixo o funil reaparecia, terminando nos tornozelos em largas dobras, possivelmente na previsão de um inverno em extremo lamacento.

Isto, pelo que diz respeito á minha frente, porquanto pela rectaguarda, a variedade de curvas, desde o simples arco de circumferencia ás mais arrojadas parábolas, os recortes, abrindo ousadamente a fazenda para ostentar falsidades anatomicas de que nunca me poderei gabar e mil outros engenhos da fantasiosa tesoura do artista, tudo isso desafia a pena mais afoita a descrições e não serei eu quem tais maravilhas cante, que na minha desataviada prosa não cabem.

Não, mil vezes não, minhas senhoras! Quando me virdes passar na rua ou me receberdes na vossa amavel intimidade, acreditai que por dentro não sou tal como o meu alfaiate me sonhou, quiçá na suposição de estar provando um vestido a qualquer de vossas excelencias; pertenço á mais forte e mais feia parte da humanidade—assim o proclamo na minha consciencia, sem o menor vislumbre de vaidade, antes envergonhadissimo.

ACACIO
DE
PAIVA

O grande poeta Eugenio de Castro honra hoje a *Ilustração Portuguesa* com uma admiravel poesia inédita, brilhantemente encenada pelo desenhador Bernardo Marques.

Eugenio de Castro que ainda ha pouco, nos *Camafeus Romanos*, afirmou, gloriosamente, a sua mocidade constante, mocidade que tem o raro condão de tornar o passado quasi presente, continua a impôr-se como o maior Poeta do Ritmo que Portugal possui. Todos os seus versos bailam, todos os seus poemas são Salomé na Dança dos Sete Véus... Ao grande poeta, a quem, em breve, a *Ilustração Portuguesa* vai promover uma grande homenagem, os nossos agradecimentos pela subida honra que nos quiz dar.

NO cabeleireiro da moda emquanto os cabelos esperam a «ondulation Marcel».

Nos gabinetes bem iluminados, um perfume de cabeleiras soltas, um perfume doce, agradável, suggestivo. No mesmo gabinete ha cabeças oxigenadas, provocantes, inverosímeis, cabeças discretas, equilibradas, cabeças pobresinhas, a pedir esmola, cabeças a que os cabelos começam a faltar.

Num dos gabinetes, duas senhoras que esperam a sua vez, conversam de cá para lá disfarçando o enfado

Uma delas—cabeleira minguada—comenta:

—Não faz ideia do cabelo que me cai na passagem das estações! E' uma coisa por demais!...

E logo a outra:

—Sim? Pois comigo não se dá o mesmo. Todos os dias passo pelo Caes do Sodré e nunca vi que me caísse o cabelo!

NA linguagem corrente dos escritores novos, daqueles que nenhum caso fazem dos usos e costumes doutra epoca que não seja a sua, dá-se o nome de «botas de elastico» a todo o individuo que use botas de elastico na alma, quer dizer, que não acompanhe a corrente modernista, que fique portanto a marcar passo toda a vida, sem arrearar pé do terreno vasto dos preconceitos de escola, da pieguice da frase, do «acacismo» da ideia.

Ha dias alguém queixava-se ao dr. Agostinho Fortes, professor da Faculdade de Letras e pedagogo distinto, da teimosia casmurra dum velho professor, fiel aos velhos metodos e aos velhos processos.

—Ah! estes botas de elastico!...

E logo o dr. Agostinho Fortes:

—Cale-se, meu amigo! Ainda isso não é nada! Muito peores são os botas de sofisma! Usam atacadores á frente mas o elastico lá está escondido aos lados, como quem não quer a coisa...

Com efeito ha botas assim. O elastico não tem a coragem das suas opiniões, mas lá existe. Não é pobre envergonhada, é antes «elastico» envergonhada...

O penultimo numero da *Ilustração Portuguesa* saíu lamentavelmente gralhado. E' de uso, nestas alturas, dizer-se mal da revisão. A culpa, porém, desta vez, não foi da revisão, foi do momento, do momento revolucionario em que o numero foi feito. Aos nossos colaboradores desse numero, em especial ao nosso amigo Augusto Pinto, uma das maiores victimas dos acontecimentos, as nossas desculpas.

Um dito desconhecido do saudoso doutor Assis.

Alguem tentava em vão acender um fosforo, a certa altura o nosso doutor exclama:

—Os fosforos, que desgraça! Eu só depois de esmagar quatro ou cinco é que consigo aproveitar um. Tambem agora já mudei de processo:— Ponho quatro de lado e só acendo o quinto.



triste canção da donzela envelhecida

-Uma vez, o loiro Scopas
Colheu-me e beijou-me aqui:
Fugi-lhe irada, e na fuga
Uma sandalia perdi.

No outro dia me trouxe,
A arder em sonho e desejos,
Um as sandalias de perolas,
Prometendo outras de beijos.

Não lhe dei, toda entretida
A fiar na minha roca,
Nem mirada d'estes olhos
Nem palavra d'esta bôca.

Foi-se embora finalmente,
Foi-se... e até metia dó!
Ao longe, ao dobrar da esquina
Trêz vezes p'ra traz olhou.

Da terceira vez que olhava
Tive ganas de o chamar;
Mas o orgulho entibiou-me,
Continuei no meu fiar. . .

Deixou então de apar'cer...
— Olhem o amôr que me tinha!
Puz-me á janela:— Quem quer
Casar com a caróchinha!

Uma noite (a que fraquezas
O tredo amôr nos impele!),
Senti uns passos na rua:
Ergui-me a vêr se era ele...

Não era! E a vida passando
A sonhar com outras vidas,
Os sonos se me encurtaram
Em noites bem mais compridas!

Na sua carreira o tempo
Tudo leva e desbarata:
Meus longos, finos cabelos
Eram d'ouro e estão de prata!

Fanaram-se os jasmims alvos
Que me trepavam p'lo seio;
O espelho em que eu me revia,
P'ra me não vêr, enterrei-o.

E hontem, á bôca da noite
—Desforço cruel o seu!
Fugindo de mim, foi Scopas
Que uma sandalia perdeu!



EUGENIO de CASTRO



Fernanda de Castro, no seu gabinete de trabalho

A ENTREVISTA DA SEMANA FERNANDA DE CASTRO

NA *Esfera*, *El Cabalero Audaz* tem visitado toda a Espanha, instalado em duas páginas de *magazine*. Muitas vezes o espirituoso cronista quebrou levemente a sua linha de *cabalero* e quasi nunca, aqui para nós, precisou de ser *audaz*. Em Espanha é muito mais facil entrevistar e conversar com a gente intelectual do que entre nós. O hespanhol é franco, aberto, expansivo; —fala sempre— por si ou pelos outros — mas fala.

Aqui não. Nós somos por natureza *bichos do mato*. Conceder uma entrevista é qualquer coisa de grave. Ha quem sistematicamente feche a porta aos jornalistas. Com os homens dos jornais dá-se ainda o que se dá com actores em terras da provincia: *O Maria guarda as pratas que aí veem os comicos*... Por tudo isto talvez, eu sinto hoje uma alegria grande em poder falar-lhes á vontade da senhora D. Fernanda de Castro. E digo falar-lhes á vontade porque a mesma gentilissima senhora estabelece desde logo o mais vivo contraste com essa reserva cheia de hipocrisia que tantos portugueses usam ainda, com um vago perfume de alecrim de convento, mas de alecrim sedico, morto e bem morto no bafio das sacristias.

A's leitoras perdidas em plena provincia, onde ainda não tenha ecoado o nome de Fernanda de Castro, eu tenho de apresentá-la.

A senhora D. Maria Fernanda Teles de Castro e Quadros, mais simplesmente Fernanda de Castro — é a poetisa do *Ante-Manhã* e das *Danças de Roda*, as duas mais sensacionais *plaquettes* da nossa literatura

femenina contemporanea, nos anos correntes, se exceptuarmos o successo recente dos *Namorados*... Imprevistamente, no ano passado, surgiu á noite e á tarde nos salões da aristocracia e do corpo diplomatico, de manhã nas redacções dos jornais, esta rapariga alegre e insinuante de 18 anos cheios de saude e de vivacidade, duma intelligencia brilhante e culta.

Com a sua *souplesse* e a sua elegancia marcando nos salões de D. Branca de Gonta as danças populares, com o seu espirito e a sua inexgotavel *verve*, lendo a *buena-dicha* no *garden-party* de D. Helena Castelo Melhor, dizendo os seus versos em casa de D. Madalena Martel e de D. Sarah Marques, na Embaixada do Brazil e no palacio do Conde de Sabugosa, trabalhando muito, trabalhando sempre, trabalhando incansavelmente, esta personalidade moral e intelectual de Fernanda de Castro tornou-se rapidamente, na sociedade de Lisboa, inconfundivel e cheia de simpatia. Jornalista moderna e interessante, espalha artigos e cronicas pelo *Seculo* da noite, *Capital*, *Ilustração Portuguesa*, *A. B. C.*, *Patria* e *Diario de Lisboa* e a gente pensa que grande exemplo de trabalho e de perseverança dá esta rapariga que a sorrir trabalha todo o dia dignificando amplamente a sua ingrata profissão de *mulher de letras*, bastando-se a si propria, impondo-se como alto exemplo de honestidade e como um enternecedor temperamento de mulher que vence.

Não resisto a contar-lhes um facto que me dá um dos traços mais característicos deste caracter excepcional:— Em junho deste ano, pelo S. Pedro, no

momento em que apareceram no Chiado as *Danças de Roda*, Fernanda de Castro decidiu, de acordo com outras senhoras, pôr em pé uma festa de caridade, um arraial de S. Pedro.

Em oito dias se organizou tudo—e tudo foi exclusivamente organizado pela mesma senhora. Não havia local próprio. Teve que adaptar-se o Terraço Bragança. Vinte e cinco homens foram contratados para este fim. Era então curioso vê-la determinando tudo, comandando o troço de homens, recebendo as mil pequenas coisas que chegam a todo o instante, tratando de bilhetes, da propaganda, de licenças, da ceia, da luz, da musica, das cadeiras, da hermesse, dos numeros do teatro, dos policcias, dos bombeiros. A um homem que trabalhava pouco, despedia-o logo. Aos que a ajudavam, que a compreendiam, dava largas gratificações, e dirigia, e comandava, e solucionava tudo com o melhor sorriso, como se tudo aquilo não custasse nada, nem valesse coisa alguma.

*

* *

Fernanda de Castro mora na Travessa de Santa Quiteria, numa casa de aparência modesta e anónima como qualquer outra. Porém a sala onde nos recebe, — o seu gabinete de trabalho — onde nasceu o *Ante-Manhã* e se executaram as *Danças de Roda*, é florida e alacre como um jardim de Espanha. Sardinheiras vermelhas, um papel de ramagens claras, damascos vermelhos e livros, muitos livros, livros abertos—ferramentas ainda quentes do trabalho.

Começamos:

—Sabe? Venho entrevistá-la para a *Ilustração Portuguesa*...

—Mas isso é escandaloso! Eu também sou de

lá... Não tem a impressão de que é uma entrevista de trazer por casa, de tratar por tu?... Já falou ao director?

—Não, minha senhora. Eu entrevisto quem me aprás... Só acho escandaloso se V. Ex.^a não me disser nada...

—Ah, quanto a isso esteja descansado... Eu falo sempre, mesmo quando não tenho nada que dizer...

—Trago seis, oito, dez perguntas engatilhadas.

Comsigo não faço cerimonia. Quero levar assuntos que sirvam de temas a futuras entrevistas. Custa-lhe mais agora, mas depois fica livre. Espero fazer uma entrevista modêlo. Não ha-de faltar nada.

—Diga, meu amigo. Sou toda resignação...

Nesta altura saquei dum papelinho e li sem desfalecimentos:

—Qual é o autor moderno que prefere? Quantos anos tem? E' verdade que gosta do encarnado? Quais os perfumes que não usa? Qual dos seus livros prefere? Se não fosse escritora o que queria ser? Das terras que conhece qual é a sua preferida? E' verdade que tem um creado preto, que é o preto mais preto, que ha em Lisboa? E' verdade que escreveu uma peça chamada *Mocidade*? Tem algum animal predilecto? Tenciona organizar mais alguma festa de caridade?

E nunca mais pararia se um preto

que parecia pintado a *ripolin* não intervisse, solícito, trazendo chá, com o vago instinto de que a *sua senhora* estava correndo um risco decididamente grave.

Então, enquanto enche a classica chicara de porcelana, Fernanda de Castro, religiosamente, com uma paciencia de apóstolo, com uma *verve* de colegial, com a sua fina ironia de artista, vai respondendo uma a uma a todas as minhas perguntas — perguntas



Fernanda de Castro, na janela do seu escritorio

de estilo indispensáveis em todas as entrevistas que se presam e banalisadas por todos os entrevistadores que se copiam.

— O meu autor predilecto? E', sem favor, Antonio Ferro. Quem vê você aí que possa fazer-lhe concorrência?

«Quantos anos tenho? Faço 21 no dia 8 de Dezembro, dia de Nossa Senhora da Conceição... Quero dizer... Costumo fazer anos no dia 8. Este ano tirei uma certidão de idade e afinal nasci no dia 9. Não posso perceber que trapalhada foi esta.

«Se gosto do encarnado? Sim, gosto imenso. Cada

critica detesto ambos, como mãe adoro os dois. Já viu alguma mãe ter filho predilectos?

«Se não fosse escritora o que queria ser? Queria ser o que fosse. Acho sempre maneira de achar delicioso tudo o que é irremediavel. Uso mesmo esta divisa. O que não tem remedio remediado está...

«Qual a terra que prefiro de todas as que conheço? A Guiné.

—?

— Sim, não se admire. E' a unica terra em que eu consigo ser branca de jaspe. Trata-se, como vê, duma questão de contraste.



Na casa de jantar de Fernanda de Castro. A' hora do chá

alma tem a sua côr. As brancas são raras, As cinzentas são as piores... A minha é vermelha. De resto, poesia áparte, eu gosto do encarnado porque me fica bem...

«Os perfumes que não uso? Todos, meu amigo... Tenho a impressão de que as pessoas mais perfumadas são aquelas que não cheiram a nada. Os perfumes muitas vezes disfarçam mazelas... Já reparou que os perfumes teem muito mais saída? E que as pessoas que se lavam pouco usam de preferencia sabonetes de aroma violento?

«Dos meus livros não prefiro nenhum. Como

«Se o meu Vicente é o preto mais preto que ha em Lisboa? Não sei dizer-lhe. Mas é com certeza o mais popular. Já quizeram contratá-lo para o *Trolaró*, depois de lhe terem oferecido dois escudos diarios para fazer fitas faladas no *Chantecler*.

«Quanto á minha peça de teatro nem é bom falar nisso. Verdores da mocidade...

«Animais tambem não tenho, mas gosto imenso do meu Vicente...

«Quanto a festas de caridade, nem mais uma! E, como é costume no fim das entrevistas:

«... o sol caía nostalgico na curva do horisonte».

O HOMEM QUE PASSA

(Clichés Salgado)

FEIA



ERA feia, feia como uma feia, feia como na vida. Na Arte não ha feias. Em Arte as feias têm sempre senões de belesa: «mas uns olhos enluarados, mas uma bôca vermelha...» Aquela não. Aquela era feia sem *mas*, feia com *f*, feia com *e*, feia com *i*, feia com *a*— feia com todas as letras. Era tão feia, tão feia, que ninguém se lembrava de dizer que ela era feia... Para

que servia dizê-lo?... As verdades não se dizem, as verdades guardam-se dentro de nós, como antigos móveis numa arrecadação... Só a mentira vale a pena dizer, porque só a mentira pode ser contestada, e só o que é contestado vale a pena dizer... Que importancia tinha afirmar que ela era feia... Ninguém diria que não...

A Feia, ao contrario de quasi todas as feias, sabia muito bem que era feia; em frente ao espelho passava muitas vezes as mãos pelo rosto, a ver se ficava linda... Todos nós temos uma grande confiança nas nossas mãos. Ficamos sempre desiludidos quando verificamos que elas não corrigem as nossas imperfeições...

A Feia queria ser linda, não por ela, que ela gostava-se assim, mas por êle, certo galã de opereta num teatro de segunda ordem, um galã com quem ela ambicionava contrascenar na vida. Mas como? Como? Como havia de fazer-se linda? Depois de pensar muito, de pensar tanto, que só de pensar-se linda, já andava menos feia, encontrou, afinal, o remedio, achou, enfim, o processo de se tornar bonita... Foi assim. Começou a reparar que todas as actrizes, mais coisa menos coisa, eram bonitas, dum bonito vulgar, dum bonito pirogravura, dum bonito etc., etc., mas bonitas em todo o caso... Pareceu-lhe historia. Efectivamente, um dia, certa amiga, apontou-lhe na rua algumas das actrizes que ela conhecia. Que desilusão! Eram todas feias, dum feio vulgar, dum feio pirogravura, dum feio etc., etc.... Pensou então: «Porque motivo não faço eu na vida o que elas fazem no palco? Porque não me faço linda?» E aqui começa a Feia a frequentar as perfumarias, a escrever cartinhas aos consultorios elegantes dos jornais dirigidos, em geral, por feias que jámais conseguiram ser lindas, a ver a *Femina* sem perceber nada, coitada, porque os bonecos vinham todos em francês, etc. etc.... O certo é que a Feia, a pouco e pouco, foi deixando de o ser. A pele mal costurada, a descozer-se aqui e além, ganhou brilho, ganhou frescura... Dir-se-fa um esqueleto de vestido novo. Na cabeça a transformação foi mais completa. A Feia, que tinha uns cabelos vagos, passou a ter uma cabeleira-vaga... A testa pequena, como uma taboleta de logeca, uma taboleta de capelista, passou a ser grande, passou a existir por hipotese, debaixo da cabeleira que já, por si, era uma hipotese... Os olhos, é claro, deixaram de existir: passou a ter olheiras... Ao nariz não ligou importancia. A bôca — uma caixa de *rouge* e uma dentadura nova, uma dentadura que lhe comeu todas as economias. O queixo, em quilha, ficou como estava, para fazer as vezes da perversidade... Pelo corpo, pelo corpo malfeito, ficou responsavel o vestido, um vestido bemfeito, um vestido feito pelas suas mãos, pelas suas mãos inteligentes, tão inteligentes como meninas cegas que sabem ler e escrever...

A Feia era uma costureirinha, uma costureirinha

mal alinhavada, uma costureirinha de agua-furtada, de canário e manjarico... Tinha passado alguns dos seus vinte anos a pôr vinte anos ás outras, vinte anos de sêdas, de «crêpes», de *mousselines*... A Feia era muito habilidosa, a Feia era uma linda voltada do avesso. Ela que andava em busca do elixir da Belesa — dava a Belesa sem o saber, como certas mulheres espalham a felicidade á sua volta, sem darem por isso. Por cada vestido lindo que saía das suas mãos, ficava ela mais feia... Mas agora não. Agora estava bonita, bonita como as actrizes, bonita como as bonitas. Só faltava que êle a visse, êle, o galã de opereta, aquele que a obrigára a ser linda, aquele a quem ela desejava confiar a sua belesa recém-nascida... Como havia de aproximar-se dêle? Jamais o seu galã a iria descobrir á sua agua-furtada, á sua agua-furtada humilde, pequena como um copo... Nem a Feia queria que êle a visse ali... A sua agua-furtada era feia,

oval, estúpido como um bóbo, lá estava para a lisongear, ou, muitas vezes, para lhe arrancar lagrimas...

Não. Decididamente ela não podia convidá-lo a ir a sua casa, A unica solução era a Feia ir até êle, era fazer-se corista, era entrar, de qualquer forma, no teatro onde êle trabalhava. E foi assim que a Feia abandonou o *atelier*, foi assim que ela se estreou como corista, numa opereta vienense, *made in Portugal*, onde ela, juntamente com um grande bando, tinha que papilhonar num *cabaret* de papel pintado, esganiçando meia duzia de versos desengraçados, tortos e alvares, como as pernas em *zig-zag* de certas coristas, de certas bonecas de trapos que se julgam mulheres...

Mas afinal (pobre da Feia-linda!) fôra inutil o seu gesto. O galã não reparava nela, como não reparava em nenhuma das coristas, todas iguais, todas com a mesma côr, todas recortadas duma folha de imagens



feia como ela tinha sido... A sua agua-furtada era o seu melhor retrato. O teto em barrete, um barrete de palhaço; uma cama de ferro, uma cama cruel, uma cama severa sempre a ralhar com a sua carne docil; um pobre guarda vestidos, triste como uma guarita sem soldado; tinas, caixas de chapéus, um manequim com um ar muito infeliz, capas de ilustrações pelas paredes, numeros desirmanados da «Femina» surripiados no *atelier*, e sobre a mesinha de cabeceira um retrato dêle recortado dum jornal — um jornal de teatros... No meio desta balburdia, onde o corpo da Feia era um destroço no mar alto, havia um parentesis de bonança, o cantinho ondê estava o «toilette», o seu laboratório, a pedra das operações, onde todas as manhãs a Feia compunha a máscara — a máscara da sua belesa... Os frascos, os boiões, as caixinhas, as escovas, os ferros, alinhavam-se como servos obedientes esperando ordens. O espelho

de Epinal. O galã era um bonifrates abarbeirado, um romance de Ohnet com cabeça, tronco e membros, ideal de costureiras e filhas-familia com faltas de ortografia... Naquela altura andava êle todo preocupado na conquista da primeira actriz, uma esganiçada que tinha o descaramento de se confessar *fausse-mai-gre* e que andava sempre com o esqueleto de fóra...

A Feia sofria, sofria muito, estava a fazer-se feia por dentro... Mas porquê? Porque é que êle não olhava para ela? Pois ela não era bonita? Se o era, êle não o sabia, êle nunca o saberia... Uma vez em que ela, a fingir engano, entrou no seu camarim, onde o foi encontrar em mangas de camisa e de suspensorios caídos, o galã, muito pouco galã, ao vê-la entrar, ao adivinhar-lhe as intenções, teve esta frase grosseira: «Vai-te embora, pequena... Eu fumo bom tabaco. Não costumo andar ás *beatas*»...

Desiludida, com a alma em suicídio, a Feia, certo

dia, depois do ensaio, recolheu á sua água-furtada, disposta sei lá a quê, talvez a morrer, talvez a ficar definitivamente linda num caixão, entre goivos e rosas... Antes de resolver a morte dirigiu-se ao seu *toilette*, fincou os cotovelos na pedra, olhou-se ao espelho, pô-se a conversar com êle, a interrogá-lo, a perguntar-lhe o motivo porque, mesmo bonita, ela continuava feia... O espelho, o bôbo cruel, disse-lhe a razão, disse-lhe que ela agora era bonita, na verdade, mas dum bonito vulgar, dum bonito pirogravura, dum bonito etc, etc. Teve então saudades do tempo em que era

feia, em que tinha caracter, em que tinha expressão, em que era feia a não admitir duvidas, no tempo em que a sua pele, os seus cabelos, os seus olhos, a sua boca pertenciam ao seu corpo, no tempo em que ela tinha a liberdade de ser feia, em que tinha a liberdade de ser ela propria...

Teve saudades, tantas saudades, que, ao fim de alguns momentos, não resistiu... Arrancou, raivosamente, a cabeleira, amarfanhou-a como a um quico, libertou a boca, pô-la a andar pelo seu rosto, na extensão que ela quizesse, desenterrou os olhos, e com a toalha foi esfregando,

foi esfregando até descobrir a sua antiga pele. Encontrou-se, por fim; olhou-se bem, em frente ao espelho, cara a cara, a ver se estava toda, e ao sentir-se completa, chorou, chorou desabaladamente, como quem encontra uma irmã perdida... Estava outra vez feia, estava outra vez como ela se gostava, com o seu rosto desageitado, com o seu rosto enternecido, com o seu rosto amigo... Teve a impressão de que tinha voltado duma viagem, de que tinha andado fóra da sua alma, fóra do seu corpo. Alegre, juntinha a si, muito sua amiga, saiu para a rua, a passear-se, orgulhosa, feliz, feia, feia como uma feia, feia como na vida... Passou perto do teatro. Pareceu-lhe que a outra, a bonita continuava lá, encaracterística, abonecada, gerada pelo *báton*... Ao fim de algum tempo, sentiu-se seguida. Ao principio não deu importancia. Por fim, atreveu-se a olhar para traz, timidamente. Era êle, era o galã, aquêle que a desprezára enquanto ela fóra linda... Compreendeu então. A Belesa só existe no absoluto. Ser absolutamente feia, era ser linda, era ser linda como poucas... E nunca mais a Feia pensou em ser bonita....



ANTONIO FERRO

Ilustrações de
Bernardo Marques

INTERIORES A CASA DE D. BRANCA

BRANCA de Gonta morava há um ano na Rocha do Conde de Obidos, numa linda casa debruçada sobre o Tejo, numa casa muito grande, muito cheia de sol, uma casa em que o luar batia em cheio e que as trepadeiras abraçavam do lado do Aterro. Um dia, não sei porque capricho, lembraram-se de fazer dali um posto da Cruz Vermelha. Branca de Gonta, Jorge Colaço, e os seus filhos, tiveram de sair. O senhorio mandou-os embora como se eles fossem uns inquilinos vulgares. Mandou-os embora e eles que não se resignaram a um 3.º andar qualquer em qualquer rua escura, meteram ombros a uma tarefa. Procuraram terreno, architectaram projectos, traçaram uma planta e fize-

ram construir para as bandas de Bemfica, na Estrada da Luz, uma grande casa de um andar apenas, uma casa espaçosa, alegre, clara, uma casa em que o sol tem também o seu quarto, em que a primavera parece esconder-se até nos dias de inverno.

Por fóra a casa é caiada de branco. Nas janelas, os caixilhos são verdes e as sardinheiras, que as alegam, do mais alacre vermelho. A frente da casa ha um terreno liso que mais tarde será uma densa mata feita de todos os arbustos. Logo que para lá foram, semearam ali muitas plantas, dispuzeram muitos arbustos. Mas o vento deitava tudo abaixo. Foi preciso prender a cada plantasinha tenra, uma cana como sustentaculo. Alguns dias depois, Branca de



A casa da sr.ª D. Branca de Gonta, na Avenida da Luz



No «hall»—Quadros de Jorge Colaço e o retrato de D. Branca de Gonta, por Carlos Reis

DE ARTE DE GONTA COLAÇO



No «hall». — O recanto dos coxins.

Gonta dizia desconsolada olhando a sua futura floresta: «As plantas morreram mas as canas pegaram... a floresta vai transformar-se num canavial...»

Por dentro, a casa lembra uma habitação moura com as suas portas em ogiva, e os seus tectos abobadados.

Ao centro um grande «hall» quadrado. Ao fundo, num plano mais elevado a casa de jantar, que ao fim do «hall», parece um palco sobranceiro á plateia. Depois a cozinha, os quartos das creadas, o pequeno atelier da filha mais velha e da poetisa que faz escultura e, em volta do «hall», os quartos de dormir, o atelier de Jorge Colaço, o escritorio de Branca de Gonta. No «hall», que é, por assim dizer, o coração de toda a casa, é onde se reúne todas as noites a família, em volta de

uma mesa onde ha livros, cartas de jogar e pequenos cestos de costura. A um canto, sobre o piano aberto, muitos livros de musica. Numa arca alemtejana uma colecção de lenços portugueses. Sobre as estantes, muitos retratos de artistas e escritores. Moveis de pau santo, colchas de damasco, tapetes orientais, uma profusão de flôres e acima de tudo, superior tudo, o lindo sorriso de Branca de Gonta, aquele sorriso claro, bom, inconfundível, que é sua condição...

Ha dias um carteiro não atinava com a casa da poetisa. A chuva tinha apagado o numero da porta. Branca de Gonta não hesitou. Com um grande pincel desenhou a ripolin um 8 bojudo. Desde então nunca mais os carteiros tiveram hesitação...



Um aspecto do «hall» («Clichés» Salgado)

PELA DANÇA PORTUGUESA

A dança portuguesa, bailados portugueses: porque não?

O difícil é lançar a semente.

Depois as flores nascem.

Ainda não desesperei de poder respirar com os olhos o perfume rítmico duma bailarina portuguesa a brincar no palco toda a graça lânguida, sentimental e airosa do seu torrão.

Se ajudássemos o seu desabrochar! Se dessemos corpo leve e cadencioso ao sonho inquieto das nossas almas! Se lográsssemos descobrir, para Portugal, a mulher que soubesse ser bela bailando as danças do sul! A nossa bailarina. Aza bem dita do nosso vôo!

O homem português já aprendeu a voar. Porque se não decidirão as portuguesas a esvoaçar, a rodopiar, a fascinar, em scena, á nossa vista agradecida?

Pés e braços á obra! Mãos no ar, aos estalinhos, ancas movediças, busto apurado, sorriso nos olhos, brilho nos lábios, saia de roda, chinelinha, e vamos á viração, paradas meninas!

Em arte, a dança é uma linguagem, como é outra linguagem a música ou a pintura.

Todos os povos, mais ou menos, a falam por espontâneo instinto, correspondente á necessidade de movimento, á exteriorização da alegria, ao convite amoroso, que a dança significa.

Como todas, a dança é originariamente uma arte popular, com raízes fundas no subsolo da raça.



VENHAM AS BAILARINAS

Nada mais típico, mais nacional, que certas danças, pois, traduzindo em múltiplas atitudes o feitio de cada região, há, a maior parte das vezes, na seriação dos seus movimentos, uma linha própria, dominante, que inconfundivelmente assinala o povo a que corresponde.

Uma dança andaluza não se parece com uma dança francesa, como uma dança inglesa difere muito duma dança galega ou asturiana.

Ninguém, por mais cego, confunde a farândola provençal com a muinheira nem a sardana catalã com o Verde-

Gaio. Também em Portugal a dança tem modelos e características diversas, não se assemelhando os bailaricos do norte aos do sul.

Há mesmo curiosas zonas de demarcações, nesse sentido pois, ás vezes, em terras vizinhas as danças divergem, ou o modo de as dançar; se bem que hoje com a facilidade de comunicações e o urbanismo desenfreado, seja, infelizmente, vulgar a descaracterização, o acitadinamento, das danças populares.

Já vi saloias dançarem o tango, e surpreendi o *one step* em fes'arolas provincianas.

Engendram-se, no género, as coisas mais híbridas e disparatadas, devido, sobretudo, á mania dos chamados «ranchos» orientados pela pretensão espectacular da novidade.

Apesar de tudo, existem, sem contestação possível danças portuguesas. Há, principalmente, uma maneira bem portuguesa de dançar, que muito conviria aprofundar, estilizar e desenvolver.

Nisso está tudo.

Não há bailarinas portuguesas em Portugal.

Habituosos á falta lutuosa, não o estranhámos; mas constata-o, admirado, quem vai ao teatro com ideia de as descobrir facilmente, como em certos outros países.

O facto corresponderia a uma verdadeira maldição, a uma tremenda calúnia contra a graça e agilidade da mulher portuguesa, se nas festas e nos bailes dos domingos, se não dançasse tanto e tão bem.

Quem jornadaei por aí, e percorre arraiais e romarias, sabe como as cachopas dão o cavaquinho pela dança, como lhes

trदानça de côrte, transplantada ao campo. Nas «horas» do paço da Serrana, tive ocasião de a ver dançar, há alguns anos, pela lavadeira da casa com uma nobreza inexcusable.

Ha pouco ainda, na região de Aveiro, assisti a um «Vira do meio» admiravel de brio.

Tudo isso, e o muito mais que me dispenso de dizer agora, demonstram que, havendo uma dança portuguesa, nenhuma razão se admite para que não haja dançarinas profissionais portuguesas, e para que, uma vez por outra, não apareçam nos palacios saracoteando-se, de braços curvos e mãos



salta o pé para bailarem, e como são, por vezes, enfeitiçantes as atitudes e as expressões das dançadeiras portuguesas.

Poderia alegar provas numerosas. Velho pesquisador de danças, quando na memoria algumas deliciosas figuras, a ainda este ano dei companhia.

Apenas mencionarei a «Chula», do Douro, que, quando dançada a preceito, é um quadro encantador, por má sorte em decadência porque as novas a trocam por outras danças: que dá em resultado serem, não direi as velhas, mas as mulheres já de certa idade, quem mais brilha nessa senhoril con-

erguidas, figurinhas trajadas com a tipica indumentaria regional.

A revista teatral, de ordinario tão lastimosamente pobre de espirito e de belesa, poderia redimir um pouco da sua proverbial grosseria, dando aos seus frequentadores a frescura animada dum ou outro bailado português, marcado, vestido e desempenhado a rigor.

E' preciso criar em Portugal, artisticamente, o gosto pela dança. Cuidar da educação ritmica da mulher. Apontar bailarinas.

Obter-se-iam assim os instrumentos, que, manejados por decoradores de fantasia, por

musicos inteligentes, por argumentistas de inspiração e coreógrafos de pulso, permitiriam tentar, ainda que com cautelosa modestia, o bailado português, pensado em português, musicado em português, dançado em português, vestido á portuguesa e enriquecido com a valiosíssima série de coisas a bem dizer inéditas, e lindas, que Portugal, tesouro farto, ainda tem ou já teve.

Pensemos no caso.

*

Temos na vizinha Espanha uma lição frisante e excitadora.

As danças das bailarinas espanholas são, quasi todas, na origem, danças populares, melhor ou pior estilizadas.

A « Jota », por exemplo, que costuma entusiasmar tanto o portuguezinho, é uma dança regional de Saragoça, onde todos os anos, pelas festas do Pilar, se organisam concursos de « Jota » entre bailadores do povo.

Lembro-me de lá ter assistido á revelação duma « Jota » desconhecida, por um par de baturros do interior, tão bisonhos no aspecto que, ao apparecerem em scena, todos se riram, mas que, ao terminarem, tiveram um delirio de aplausos.

Cá poder-se-iam instituir concursos locais de danças típicas, com vantagem para Lisboa, onde os premiados não deixariam de vir mostrar-se.

Aproveitando as fontes populares, por um lado e por outro, inaugurando o ensino português da dança, aliado á cultura da ritmica, favorecer-se-ia a manifestação de temperamentos dan-

cantes, que trouxessem á dança portugueza a parte individual de criação e interpretação que a verdadeira arte não dispensa.

Valia a pena experimentar.

*

E' lenta e fatigante a educação coreografica, essencialmente muscular, indispensavel para nela se enxertar com bom exito o trabalho artistico.

No entanto, para principiar, e visto que

a dança popular não requer, vulgarmente, prodigios de elasticidade, com três ou quatro anos de applicação, qualquer rapariguita geitosa adestraria o corpo para se apresentar sofrivelmente em publico.

Estou certo que ha por aí vocações de dançarina ignoradas ou torcidas.

Elas que surjam e iniciem as passadas!

A imitação e a emulação farão o resto e dentro de alguns anos, tornada a dança

uma actividade financeiramente compensadora e unanimemente reconhecida, assistiremos ao triunfo gentil da primeira bailarina portugueza, que, para portuguezes e até para estranhos, restitua a Portugal o papel afamado que todas as historias da dança lhe atribuem no passado.

Toca, portanto, a dançar, minhas meninas! não se arrependirão. Quasi se póde garantir, á que mais se salientar como artista, além de glória florida e muita saude, uns fartos cobres para o enxoval.

Pela dança portugueza!



O ACONTECIMENTO DA SEMANA



A manifestação ao sr. Presidente da República. Os manifestantes em frente da residencia presidencial

(Cliché Garcez)

O Bairro de S. Domingos é Lisboa

dentro de Lisboa. Cada bairro tem a sua característica, a sua côr, a sua personalidade. O bairro de S. Domingos tem a côr de Lisboa, a personalidade de Lisboa

Passar a travessa que vai da muralha da Calçada do Garcia á Rua da Palma, é atravessar Lisboa, é conhecer-lhe todos os detalhes, todas as riquezas e todas as miserias, todas as lendas e todas as realidades.

A Lisboa das avenidas e das ruas largas, dos prédios altos e dos jardins, é a Lisboa já penteada e vestida de limpo, branqueada a pós de arroz e debruçada á janela a ver passar o tempo. A Lisboa do bairro de S. Domingos é a cidade ás primeiras horas da manhã, antes do «petit-dejeuner», despenteada, os olhos ainda deslumbrados da claridade, a camisa a escorregar-lhe do ombro pondo á mostra as saliências osseas do peito. É a cidade de chinelas e ainda por lavar. É Lisboa—levantar do leito.

—Papel para escrever, cinco cadernos dois tostões!

—Almanaque do Borda d'Agua para o ano que vem!

—Cá estão bolos ou pasteis!

—Atacadores a tostão o par!

E nisto quebra-se o ruído da rua e uma ovarina passa correndo, de mão na canastra, e olhando de esguelha um policia que lhe vai no encaço por causa da multa. Ao centro da travessa, numa carroça de mão, com a licença camararia estampada em uma tábua, uns pedaços de queijo amarelo que se vende á quarta,



Na Travessa de S. Domingos. O homem das castanhas.

A DESCOBERTA DE LISBOA

No Ano de 1921

III—O BAIRRO DE S. DOMINGOS

por sr. empregado, á porta d'uma casa de pasto, que tem na montra um leitão assado enfeitado a salsa, aparece um rapagão de *smoking* e avental branco. Uma senhora encosta-se o mais que pode á grade, passando a custo e franzindo os labios e o garoto das castanhas vem, surruteiramente de custo pendurado a tiracolo, roubar uma pitada de açúcar que o balanço do carro fez juntar a um dos cantos do taboleiro dos marmelos, sobre um pedaço de jornal velho. Por fim, aparece outro policia e as duas carripanas são levadas para debaixo da arcada do Nacional e ali ficam

ali pezado á vista do freguez numa balança de correntes ferrugentas e pratos em forma de facho com alguns remendos a folha de Flandres. O policia manda seguir a carroça porque as posturas não admitem paragens, o vendedor resmungando, embrulha um naco de que jo esburacado, dá-o a uma mulher de barriga saliente em bico, que sustem um garoto enfiado ao colo e segue, aos empurrões á traquitana, mas logo pára porque do lado contrario enfiou outra carrinhola com um taboleiro onde uns marmelos encarquilhados e negros do forno, balançam descolando as peles pintalgadas de açúcar. As duas carripanas embicam a meio da travessa e vá de discussão. O policia barafusta e toma notas num caderno de capa de oleado preto, um soldado de cinturão baixo e a escorregar-lhe da barriga pára de boca aberta a ouvir a contenda, o velho que apregõa cautelas chega-se a explicações.

Ha ofertas de pancadaria, o vendedor de marmelos trata o policia



ás moscas enquanto os condutores dizem de sua justiça ao cabo do posto policial que toma nestes casos uns certos ares de autoridade intransigente.

Com o escurecer das altas paredes da ve-

ia de S. Domingos, principiam as ojas dos ourives projetando leques de luz no empedrado negro da rua. Letras gordas surgem entre os pezados grilhões de ouro (*ouro de lei*) e os estojos com escovas e pentes engastados em prata, próprios para brindes: *Ouro só pelo pezo!*

Uma rapariga de b usa de raminhos, cinto de polimento e sombrinha decabo com volta niquelada, pára deante de uma montra: Ainda lá está o anel da serpente enroscada com duas pedras azues a fazerem de olhos! E o leteiro diz que é ouro maciço!

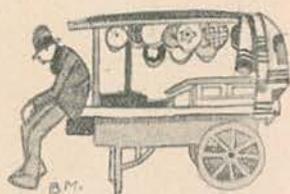
O caixeiro vem todo delicado avisar que dentro ha mais sortimento, mas a rapariga afasta-se, olhando o anel da serpente enroscada com duas pedras azues a fazerem de olhos e logo um sujeito de bengala com castão de marfim e chapéu de côco, um tudo nada a fazer bico por ser muito passado a ferro, pergunta por bolsas de prata.



A' esquina, em frente de um relojoeiro em que ás tan as todos os relógios dão horas, um rapazola de cicat iz na face, boné tombado sôbre a orelha, camisola á mostra e ponta d' cigarro ao canto da boca, apregôa escovas, caixas de graxa e alfinetes para colarinho. A' frente, no

chão, tem um caixote enfeitado a papel verde onde expõe a fazenda. De quando em quando, interrompe a cantilena para puxar uma fumaça ou para levantar a loja a fim de não ser atropelado por uma especie

de caixote comprido com duas rodas onde um mercador expõe sacos de retalhos e bonés de pano em duas ripas que formam o andar nobre do estabelecimento. São curiosas estas lo-



Uma loja ambulante

jas ambulantes! O freguês encontra lá de tudo: Figas de osso, feitas pelos presos e canivetes de duas folhas, torcidas para candieiros e harmonios de labios, botões para punhoscôtos para lanternas de trem. E' raro ver-se um freguês por aquelas paragens, mas os mercados-ambulantes lá vivem ha dezenas de

anos, no seu giro habitual e historico em volta da Praça da Figueira com paragem obrigatória no largo, em frente da Igreja.

A dois passos do chamado coração da cidade, o bairro de S. Domingos, á noite, mete medo e g'za fama de zaragatoeiro e brigão. Não raro, brilham pontas de navalha traiçoeira pelas esquinas, ha apitos, marujos que pulam «riscando», soldados desembainhando terçados, taboleiros de bolos atirados pelo ar, falenas de tres ó vintem que gritam «ó da guarda» em ganas de se acabar o mundo com pancadaria!

Ha noites em que só a lanterna palida da mulher que vende café quente em canecas vidradas serve de farol a quem se atreve a passar a travessa,



outros em que a lua, batendo forte os altos da Sacristia de S. Domingos, espalha pelo bairro ansias de evocações. E então, entre as sombras vio'entas das portas onduladas, parecemos ver surgir os habitos negros dos dominicanos, levando á fogueira da purificação, em cortejo procissional, os condenados, de «carocha» amarela e cirio espetado nas mãos atadas, magros e desengonçados, tal como os pintaram os rabiscadores da epoca!

reservado nas colunas dos jornaes. Os seus habitantes figuram nos *casos da rua*, como as madamas de Buenos-Ayres em *carne-et-mondain*.

Mas a fisionomia de S. Domingos é difficil de penetrar. Quem por lá passar não lhe apreende facilmente.

Só os jornaes, ás vezes, a desvendam, no estilo sêco das notas da policia.

Ha creaturas que fazem ali toda a sua vida.



Um aspecto do Largo de S. Domingos

O Largo de S. Domingos é o verdadeiro Rossio de Lisboa, é a capital de uma Lisboa que não aparece na Baixa, apesar de sêr na propria Baixa, é um cosmopolis de amôr e de facada, é a parte mais lisboeta de Lisboa. A Lisboa restante é uma Lisboa para forasteiros. A Lisboa de S. Domingos, ali na bochecha do Rossio, é a verdadeira Lisboa, a Lisboa para o indigena.

O Largo de S. Domingos tem um logar

Aii nascem, ali vivem e morrem. O resto de Lisboa para eles, é arredores.

Em tempos houve em Lisboa, lá para os lados da Esperança, a «Rua do Merca-Tudo». Hoje, a do «Merca-Tudo» é o bairro de S. Domingos, esse bairro que apesar da luz electrica e da prosapia nas suas montras brilhantes, é o retrato fiel da nossa Lisboa, esta Lisboa que á tarde, já ataviada e desencardida, se debruça nas Avenidas Novas a vêr passar o tempo.

HENRIQUE ROLDÃO



A manifestação ao sr. Presidente da Republica



O sr. Presidente da Republica, á janela da sua residencia, agradecendo a manifestação



Ouvindo o discurso do sr. Presidente da Republica

(Clichés Salgado)

O incendio do «India»



Uma das fases da destruição do paquete «India». O vapor adornado



1. O comandante do «India» conversando com o informador d'«O Seculo».—2. Os rebocadores «Figueira da Foz» e «Buarcos» refrescando o costado

(Clichés Salgado)

A T I T U D E S



O sr. general Gomes da Costa, que pediu a sua demissão de comandante da 4.^a divisão do exercito



O sr. tenente Agatão Lança que pediu a sua demissão de oficial da armada



O sr. capitão Virgílio da Conceição Costa, que, em virtude dos ultimos acontecimentos, se desligou do serviço activo



O sr. alferes Sidonio Pais, que pediu a sua demissão de oficial do exercito

No Instituto Industrial de Lisboa



Corpo docente e pessoal do Instituto Industrial de Lisboa



Laboratorio de Higiene e Tecnologia do Instituto

(Clichés Salgado)